

**RICARDO  
SERAFIM**



**JANELAS  
FECHADAS**

JANELAS  
FECHADAS

*por* Ricardo Serafim

# 1

**M**e chamo Natanael Lourenço Filho e me considero um homem amaldiçoado. Estou escrevendo essas palavras no meu caderno de anotações e, quando terminar de contar tudo o que me aconteceu, vou guardá-lo debaixo do meu colchão, assim como fazíamos quando éramos crianças, escondendo as revistinhas adultas que roubávamos dos nossos pais.

Enquanto escrevo, as cortinas da janela se agitam anunciando que uma tempestade está próxima. Espero não me alongar nessa tarefa e terminar tudo antes que o temporal chegue.

Essa janela aberta é o motivo de tudo, é por ela que o meu destino será selado. Não ser capaz de levantar-me para fechá-la me fez vir aqui escrever estas memórias. Certamente, amanhã de manhã, a moça que cuida de mim encontrará meu cadáver frio sobre esta cama. Em algum momento, alguém também encontrará meu pequeno caderno e, se tiver curiosidade suficiente, lerá essa história e compreenderá o que me aconteceu, e o motivo pelo qual meu corpo será encontrado sem vida, murcho, desprovido de uma gota de sangue.

Acima de tudo, espero que perdoem a pobre moça que deixou

minha janela aberta, pois a ingênua cuidadora sequer imagina o terror que ronda e observa do lado de fora destas paredes.

## 2

**T**enho sessenta e cinco anos e fiz muita coisa nesta vida. Não tive mulher ou filhos, ninguém além dos colegas que fiz nesse asilo sentirá minha falta quando eu me for. Mas não se engane, isso não me entristece. Não se pode sentir a perda de algo que nunca se teve.

Antes de me tornar um errante eu tive um emprego e um endereço fixo. Foi quando a coisa toda começou a dar errado, há trinta e cinco anos. Eu ainda era jovem e lecionava em um renomado colégio particular para turmas do ensino médio. Muitos anos atrás, mas eu ainda me lembro muito bem.

O salário como professor não era grande coisa, mas eu tinha poucas despesas, e isso me permitia ter uma vida bem confortável. Além das aulas, meu *hobby* era a astronomia.

Sempre fui um apaixonado pelas estrelas. Depois de passar a adolescência estudando o assunto, consegui me tornar colaborador de uma revista de astronomia. Nessa coluna, publicava meus ensaios e dicas para iniciantes sobre instrumentos de observação.

Tive algumas namoradas, mas nada muito sério. Não gostava de bebedeiras. A única ocasião em que consumia alguma bebida alcoólica eram os lançamentos das edições do periódico de astronomia no qual era colunista. Nessas ocasiões eu abria uma garrafa de vinho e saboreava uma taça enquanto lia a última edição.

Meu cotidiano, assim como os demais aspectos de minha vida,

era simplório e banal. Acordava cedo, tomava banho, lia o jornal e, após o café da manhã, caminhava até a escola onde trabalhava, que ficava a não mais do que quatro quarteirões do meu antigo apartamento.

Aos finais de semana eu costumava receber em meu apartamento um aluno para aulas de reforço. O menino chamava-se Gustavo. Um garoto esforçado, mas tinha um pequeno *deficit* de atenção que atrapalhava seu rendimento no colégio. Eu não costumava prestar esse tipo de serviço como professor de acompanhamento individual, porque custava algumas horas do meu tempo livre, mas naquele caso em especial abri uma exceção. Gustavo era o filho de uma amiga do trabalho chamada Carolina e, como não tinha muitas amigas, achei por bem preservar essa simpatia.

Tudo começou num fim de tarde após concluirmos os exercícios de matemática. Gustavo estava terminando de guardar suas coisas na mochila quando o telefone tocou. Era Carolina. Ela disse que havia tido uma pane mecânica no carro, e por isso se atrasaria para buscar o filho.

— Tudo bem, imprevistos acontecem — respondi, tentando disfarçar o óbvio desapontamento. Avisei ao garoto que ele ficaria um pouco mais comigo, até que sua mãe viesse buscá-lo, ele me olhou de volta desapontado.

Uma hora e meia havia se passado e o garoto continuava na minha sala, com cara emburrada, assoprando os cabelos da franja. Perguntei se não estava com fome, ele confirmou. Então fui até a cozinha preparar algo para comermos, fiz dois sanduíches de queijo e levei um copo de suco de laranja para ele. Após comer o lanche, o garoto estava visivelmente entediado. Ele desligou a

TV e foi até a sacada, onde encontrou o meu velho telescópio, posicionado sobre o tripé, apontado para o céu. Sua expressão mudou e finalmente ele pareceu se animar com algo. Tratava-se de um instrumento simples, com lentes objetivas e de baixa qualidade, foi o meu primeiro telescópio e não servia para muita coisa, mantinha-o montado na sacada mais por decoração do que para uso prático.

Fiquei satisfeito em ver que finalmente Gustavo estava distraído. Mostrei a ele como usar a luneta e como focalizar os objetos. Enquanto ele se divertia olhando para as janelas dos prédios vizinhos, fui lavar os pratos do lanche.

Quando retornei da cozinha, me surpreendi com a imagem de Gustavo sentado no sofá da sala abraçado aos joelhos. Pálido, ele encarava com os olhos fixos um ponto imaginário na parede.

Intrigado, perguntei se havia acontecido alguma coisa no tempo em que estive na cozinha, mas o garoto não disse absolutamente nada. Insisti para que ele me dissesse se estava se sentindo mal.

Nenhuma palavra.

Sentei-me ao seu lado no sofá e peguei em seu braço, seu pulso estava fraco, a pele do garoto estava fria. Com muito jeito, enfim consegui que o garoto falasse algo, mas tudo que ele disse foi que queria voltar para casa.

Quando finalmente a campainha tocou, ele se levantou e foi correndo abrir a porta para abraçar a mãe.

— Calma, filhinho — disse Carolina, apoiando a bolsa no ombro. — Não imaginei que você fosse sentir tanto a minha falta assim.

— Parece que ele se assustou com alguma coisa — eu disse. — Não sei o que foi, ele não me contou nada.

A mãe passou os dedos nos cabelos do filho.

— Não deve ser nada. Eu é que lhe devo desculpas pelo atraso...

Os acompanhei até o elevador.

Enquanto o elevador subia me abaixei para olhar bem nos olhos de Gustavo, que continuava agarrado as roupas da mãe. Perguntei a ele o que ele havia visto que o deixara tão assustado. Na presença da mãe ele parecia mais tranquilo, então me respondeu:

— Aquela coisa que saiu voando. Em cima do prédio... Ela estava...

As portas do elevador se abriram e Gustavo se calou. Mãe e filho entraram no elevador, desconcertados, deixando-me a encarar meu próprio reflexo no brilho cromado das portas de aço escovado.

### 3

**A**o longo das horas que se passaram fui sendo acometido por uma crescente inquietação. O que será que aquele garoto viu, ou imaginou ter visto, que o deixou tão aterrorizado? Eu já havia ido até o telescópio e procurado com meus próprios olhos sem nada ver de anormal, mas vencido, fui dormir sem respostas.

Naquela mesma noite acordei no meio da madrugada, suado e ofegante. Sonhei que estava de volta a fazenda. Me vi novamente

criança, acordando em minha cama quando uma sombra apareceu na janela. A forma negra entrou voando no quarto, enorme e horrenda. Ela parou na cabeceira de minha cama e ficou a me encarar com olhos vermelhos brilhantes. Acordei do pesadelo no instante em que a coisa se abaixou e investiu contra mim. Mesmo desperto, ainda pude sentir o começo da dor, as finas presas brancas perfurando o meu pequeno pescoço.

Com o coração acelerado fui até a cozinha tomar um copo d'água. O relógio de parede marcava três horas da manhã. Na volta, passei pela sala e vi o telescópio.

Movido por uma curiosidade sedutora, voltei à sacada e sentei-me ao telescópio. Voltei toda a minha atenção para o velho prédio que ficava poucas quadras ao norte, o antigo Edifício Maria Lusitana. Havia morado naquele bairro por toda a minha vida adulta e por isso conhecia bem a história do local.

O Edifício Maria Lusitana foi um dos primeiros prédios a ser construído na região do centro velho, na década de 30, durante o período da explosão imobiliária. Inaugurado como um luxuoso hotel, o edifício foi projetado em arquitetura neoclássica, janelas e parapeitos ornados com arabesco de granito, muitas colunas e imponentes ângulos retos. Apesar do luxo inicial, o tempo passou e o local foi caindo em decadência. Quando os donos morreram os herdeiros não souberam administrar o hotel, que acabou falindo. O prédio foi alugado por alguns períodos, mas como nunca recebia os devidos cuidados, devido à manutenção precária, acabou por perder completamente a beleza anterior e se tornou mais um dos inúmeros prédios abandonados na desolada região do centro velho.

O prédio sofreu outro grande golpe na década de 70, quando houve um grave incêndio que o deixou ainda mais deteriorado. Desde o incidente o edifício ficou trancado, vazio e decadente.

Sempre foi do meu conhecimento que o Maria Lusitana vivia preso numa espécie de limbo jurídico, um labirinto burocrático que tanto impedia sua restauração quanto a venda para demolição. Todos que visitavam a região concordavam que o antigo hotel enfeiturava a paisagem. Em alguns pontos o revestimento havia desabado, revelando o esqueleto grotesco de vergalhões retorcidos e enferrujados, entremeado com pilhas de tijolos pretos, ainda manchados pela fumaça do incêndio de décadas atrás. Dessa forma o Maria Lusitana permanecia, apodrecendo a olhos vistos, como um dente podre entre a paisagem urbana.

Foi então que vi, pela primeira vez, através das lentes de resina do meu velho telescópio a coisa negra que me atormentaria pelo resto da vida.

Ela estava se movendo através das janelas e buracos, serpenteando nas paredes do edifício. Sumindo e reaparecendo até entrar numa das últimas janelas, até que não pude mais vê-la.

O susto fez-me pular bruscamente para trás e quase cair da banqueta. Sem acreditar no que os meus olhos haviam captado, voltei para o telescópio e novamente apontei a lente para o velho hotel abandonado.

Durante esses instantes, fiquei imóvel em minha sacada, a respiração quase suspensa, o meu coração batia louco dentro do peito. Olhava fixamente para aquela janela escura de vidraças quebradas. Depois de alguns segundos a coisa saiu pela janela, irrompendo como uma mancha negra, com movimentos rápidos,

deslizando pelo ar, com a mesma competência com que os peixes nadam no mar. Ela parou sobre o parapeito do último andar, abriu suas asas medonhas com furos e rasgos, deu um novo salto e sumiu entre as nuvens carregadas.

Não era um simples morcego, deveria ser, no mínimo, cem vezes maior do que qualquer outro exemplar da família. A criatura tinha pelos longos e cinzas como a pelugem de um lobo, além de garras compridas como as garras de um tigre.

Assim que as minhas pernas pararam de tremer, sai correndo e tranquei a porta de vidro que separava a sala da sacada. Fechei até mesmo as cortinas, tamanho foi o meu horror. Voltei à cozinha e abri uma garrafa de vinho. Bebi quatro goles grandes direto no gargalo.

*O que era aquilo que acabara de ver?*

Não era de se admirar que Gustavo tivesse ficado tão aterrorizado com aquela coisa, pois eu mesmo estava tremendo.

Naquela noite eu não dormi.

Somente quando o dia nasceu finalmente caí no sono. Adormeci estirado sobre o sofá da sala, ao lado de uma garrafa de vinho vazia e com as janelas trancadas.

## 4

**A**quela descoberta me perturbou profundamente. Passei a manter todas as janelas trancadas e nunca as abria, nem mesmo para deixar que o ar circulasse. Tamanha inquietação não fora somente pela descoberta de uma criatura tão medonha, mas pelo reavivamento de antigos medos, coisas que

estavam soterradas no fundo de minha lembrança.

Quando era criança eu gostava de dormir com as janelas do meu quarto abertas.

Observava o céu noturno, me deliciando com o traçado das estrelas cadentes, tão comuns na região interiorana onde vivia. Adormecia ao sabor da brisa, um sono tranquilo e ingênuo, do qual até hoje sinto falta.

Isso durou até o dia em que um primo veio me visitar. Ele se chamava Cristiano, tinha cabelo ruivo e um cacho encaracolado que sempre lhe caía sobre a testa. Ele morava na capital e veio passar as férias comigo na fazenda. Já no primeiro dia, brincamos bastante. Saímos para correr atrás das ovelhas, andar a cavalo, pescar e tomar banho de riacho. Andamos pelas trilhas da mata, procurando colmeias de abelha e casas de maribondos para atirar pedras. Fazíamos disso uma grande farra. Tentávamos derrubar as colmeias de cima dos pés de jatobá com os estilingues para, logo em seguida, fugir da ira das próprias abelhas.

*“Um pouco de emoção faz bem pro coração”*, dizia meu primo, enquanto ficávamos escorados numa árvore, ofegando depois da fuga dos insetos.

À noite, quando íamos dormir, Cristiano deitava-se em um colchonete estendido no chão ao lado de minha cama. Minha mãe nos desejava boa noite e desligava a luz do quarto, deixando-nos iluminados apenas pelo luar, que entrava através da enorme janela virada para a mata.

— Nós vamos dormir assim? — perguntou Cristiano.

— Assim como?

— Desse jeito, com as janelas abertas, seu tonto!

Dei de ombros, para mim não havia nada de errado em como costumava dormir.

Meu primo levantou-se de seu colchonete, caminhou até a janela e ficou parado por algum tempo com os braços cruzados no parapeito, olhando para fora.

— Aqui não tem ladrões — disse eu, tentando antecipar a inquietação de meu primo. Aquele era um receio normal, afinal, Cristiano morava na capital, onde as pessoas nunca dormiam com as janelas abertas, pensei.

— O problema não são os ladrões, seu boboca. Vem aqui.

Fiquei parado ao seu lado, tentando entender o que ele olhava.

— Ali! — disse ele apontando para o alto de uma árvore. — Você viu?

— É só um morcego. O que tem de mais?

Cristiano virou o rosto para mim, e falou num tom de voz áspero e melodramático:

— Pode ser um *vampiro*.

Naquela época, pouca informação chegava nas *brenhas* onde morávamos. Pelo menos para nós, crianças. Ainda assim, eu tinha uma vaga ideia do que se tratava um vampiro. Já que tinha visto na tevê um personagem do tipo, capa preta e dentes compridos, essas coisas.

Aquilo não metia medo nos meninos do interior. O que nos causava arrepios eram, geralmente, os relatos sobre *aparições*, principalmente os chamados *causos* de lobisomens. Um lobisomem era mais tangível para um menino do interior. Por outro lado, um vampiro mais parecia um personagem de comédia. Mas, minha opinião começou a mudar ali, depois que Cristiano me

contou sobre um filme que tinha visto no cinema semanas atrás.

Eu nunca tinha ido ao cinema, e a TV da nossa fazenda sintonizava apenas um único canal, onde só passava a mesma programação chata e desenhos animados educacionais. Então, à medida que meu primo descrevia o filme, em minha cabeça eu imaginava todas as cenas, todos os detalhes, e na mesma medida, aquela experiência foi tão vívida quanto ter visto o filme em si. Ele contou sobre o castelo na Transilvânia, o conde Drácula e suas esposas vampiras, a forma como ele se transformava em uma criatura monstruosa.

Fechamos as janelas.

— Mas é só um filme, não é? — indaguei, na esperança de afastar o medo.

— Sim, mas meu pai disse que o filme é baseado num livro, e o livro é baseado nas histórias que o povo daquele país conta. Você sabe como é...

Minha mente infantil, então, começou a fazer dezenas de conexões, todas deixavam o mito do vampiro mais vívido, menos parecido com uma história e mais próximo com um caso. As histórias podiam ser lorota, mas os *causos* tinham sempre algo entre o exagero e a verdade. E o fato de ter um pouco de verdade naquilo era motivo suficiente para me dar calafrios.

— Se existissem vampiros, eu digo, vampiros de verdade, onde você acha que eles morariam? — indagou Cristiano.

— Na Gruta do Índio — respondi, atraindo imediatamente a atenção do meu primo, que se sentou na borda de minha cama.

— Como assim?

— Do outro lado do riacho tem uma caverna. O pessoal daqui

chama de Gruta do Índio, porque antigamente diziam que morava um índio lá. Se tivesse um vampiro nessa região, com certeza ele moraria lá.

— Então nós vamos lá! Amanhã de noite, com lanternas e tudo.

Lembro de ter arregalado os olhos. A imagem do vampiro ainda estava clara em minha mente.

— De jeito nenhum! Minha mãe me mata se souber que fomos lá. — Colocar a culpa na minha mãe foi melhor que admitir que estava me borrando de medo.

— É só não contar pra ninguém, oras! Vamos, vai ser mais radical do que atirar pedras nas colmeias.

Tentei dissuadir a ida do meu primo, inventando, inclusive, desculpas esfarrapadas, mas quanto mais falávamos no assunto, mais Cristiano ficava empolgado com a ideia. No fim das contas perdi a discussão. Eu o admirava, ele era tudo que eu queria ser, o cara da cidade que ficava sabendo das novidades, que andava de skate, o cara que usava boné com aba virada para trás. Se eu me recusasse a ir com ele, provavelmente estragaria o resto das férias, e o pior, eu seria visto como *o menino medroso* aos olhos de Cristiano.

— Tudo bem, mas eu tenho minhas condições. Nós iremos durante o dia e vamos ficar só alguns minutos. Depois disso, nunca mais vamos voltar lá.

— Por mim tudo bem.

Cristiano esticou a mão e fizemos o cumprimento do desliza e soca.

— Ah!, e tem mais uma coisa.

— Não vale inventar regra agora — protestou Cristiano.

— Se alguém descobrir que a gente foi na gruta, eu vou dizer que a ideia foi sua.

— Fica tranquilo, ninguém vai ficar sabendo. Vai ser radical, você vai ver.

— *Radical...* — repeti, tentando imitar o sotaque do meu primo.

## 5

**H**avíamos passado uma boa parte da manhã fazendo estacas de madeira na oficina ao lado do curral. Usamos pedaços de cerca velha como matéria-prima para as estacas. Havia uma lixadeira de cinta na bancada da oficina, e utilizá-la teria nos poupado trabalho, mas o seu motor elétrico fazia um barulho enorme que não passaria despercebido pelo meu pai. Então tivemos que usar um facão amolado para desgastar as pontas de madeira. Cada vez que Cristiano dava um golpe eu fechava os olhos, imaginando que ele acabaria arrancando um dos dedos na tarefa.

Discutimos se era necessário todo aquele trabalho, se valia a pena se preparar para uma ameaça que, muito provavelmente, era pura fantasia.

— Mas, *e se?*

— E se, o quê? — perguntei de volta, ajudando a segurar a estaca e tentando evitar que Cristiano decepasse um dedo sem querer.

— E se não for só uma lenda? E se for real?

Chegamos à conclusão que duas estacas seriam o suficiente. Só

por precaução.

Sáímos às duas da tarde, depois de almoçarmos, com as mochilas nas costas, carregando as estacas de madeira, duas lanternas e uma garrafa de água para cada um. Atravessamos o riacho e subimos pela trilha da mata, deixando para trás as colmeias semi-destruídas do dia anterior. Chegamos a uma parte onde as árvores eram bem altas e pouca luz chegava até em baixo, deixando o clima frio.

— Quantas vezes você já foi na gruta?

— Não sei, algumas vezes. — Era mentira, eu só havia ido lá uma única vez, quando estava caçando com meu pai; nós passamos pelo salão de pedra e ficamos não mais que uns cinco minutos no local. Eu quis entrar para explorar, mas meu pai não deixou.

Chegamos à gruta e Cristiano correu à frente, estava excitado demais com a descoberta. Eu fui atrás, falando para ele tomar cuidado com as pedras da descida.

Dentro do grande salão de pedra o chão era frio, podíamos sentir nos nossos tornozelos. Cristiano gritou e sua voz ecoou nos paredões de granito. Nós nos divertimos gritando palavrões e ouvindo nossas vozes repetindo os insultos. Então, Cristiano começou a entrar para o fundo da gruta.

— Calma! — disse eu.

Me abaixei e tirei a mochila das costas. Peguei a lanterna e minha estaca. Mais à frente, meu primo olhou para mim e fez o mesmo.

No começo o túnel era amplo e ainda era iluminado pela luz do dia. Tinha pedras lisas e um cheiro esquisito, como de folhas

e madeira podre. Quanto mais fundo íamos, mais as paredes se estreitavam. Chegamos a um ponto onde somente a luz das lanternas eram capazes de guiar o caminho.

— Olha — disse eu, apontando a lanterna para a ponta de uma rocha. Sua superfície salpicada de manchas escuras.

— O que é isso?

— Merda de morcego.

Cristiano fez cara de nojo e cuspiu no chão.

— Acho que já deu, não? Vamos embora. — Disse isso e me virei para a saída, e foi quando me dei conta de que tínhamos entrado fundo demais na caverna, pois não enxergava mais nenhuma luz. Quando me virei novamente, meu primo havia sumido.

— Cadê você? — gritei.

— Estou aqui!

— Não estou te vendo? Onde você está?

— Cara, você não vai acreditar, vem aqui ver o que eu encontrei!

— Volta pra cá, Cristiano, pra mim já deu! Lembra que você disse que não íamos ficar muito tempo?

— Tudo bem, bobalhão, mas vem aqui olhar isso antes, depois a gente vai embora.

Sua voz vinha abafada como se ele falasse da extremidade de um longo cano. Fui me guiando por sua voz até encontrar uma fenda.

Atravessei a fenda, sentindo o cascalho estalando, ficando mais fino debaixo do solado de minha bota. Passei pela fenda que descia como uma inclinação para direita, e escorreguei por uma pedra lisa até o chão. Vi meu primo agachado examinando algo.

Fui até ele, e iluminei com a minha lanterna.

Entre duas pedras havia um esqueleto de felino com o crânio virado para cima e a mandíbula aberta, exibindo duas proeminentes presas.

— Viu que legal? O que você acha que é? Uma onça?

— Não. É muito pequeno para ser uma onça. Além disso, meu pai me disse que não existem mais onças nessa região.

— O que é então?

— Uma jaguatirica, talvez. Quem sabe um gato do mato.

— Irado!

Puxei Cristiano pelo ombro e chamei para irmos embora. Ele pediu para esperar, se abaixou e pegou o crânio do animal.

— Um troféu de nossa aventura — disse ele, guardando o crânio na mochila.

Subimos de volta na pedra plana e entramos novamente na fenda. Eu senti que alguma coisa estava errada, pois a passagem parecia mais estreita que da primeira vez. Quando saímos do outro lado caminhamos pelo túnel em direção à saída, que em vez de ficar maior ficava cada vez mais estreita à medida que andávamos.

— Não é esse o caminho.

— Não mesmo, vamos voltar.

Voltamos, mas não conseguimos encontrar a fenda novamente.

Não deve ter demorado muito, acho que por volta de meia hora, para chegarmos a uma imensa galeria e aceitarmos o fato de que estávamos perdidos.

— Eu falei que a gente tinha que voltar. Que droga, agora estamos encencados!

— Não fique chorando, Natan, vamos sair daqui, estou sentindo que estamos perto.

Ele andou em direção a um túnel.

— Não cara, vamos ficar aqui. Quanto mais a gente andar mais perdidos vamos ficar.

— O que você sugere então, sabichão? Ficar aqui e esperar? Se nós fizermos isso, vamos entrar numa enrascada com nossos pais.

— Nós já estamos em uma enrascada.

Sentei no chão, no centro da galeria. Coloquei minha lanterna sobre uma pedra, iluminando o teto. Abri minha mochila, peguei a garrafa e tomei um gole d'água. Cristiano ficou um tempo parado em frente à entrada do túnel antes de voltar e sentar-se ao meu lado.

— Vou desligar a minha lanterna para economizar as pilhas — disse ele. — Você trouxe alguma coisa para comer? — e eu lhe entreguei um pacote de bolachas. — Morango? Que droga Natan, quem gosta de bolachas de morango?

Ele abriu o pacote e comeu mesmo assim.

Ficamos bastante tempo perdidos na caverna. Não tínhamos relógio e no escuro total ficava impossível ter uma noção do tempo. Conversamos bastante sobre o que faríamos para amenizar a bronca que nossos pais nos dariam, quanto tempo demoraria para nos acharem, como faríamos para economizar a comida (o pacote de bolachas de morango), a água, e as pilhas das lanternas. Decidimos que um dormiria enquanto o outro ficaria acordado. Havia momentos em que o desespero batia e um de nós chorava.

Eu estava acordado, minha barriga roncava, já fazia muito tempo que as bolachas haviam acabado. Cristiano roncava, en-

quanto dormia com as costas em minhas pernas. Ouvi um som, uma espécie de lambida, muito baixo. A princípio não quis acender a lanterna, pois estávamos economizando as pilhas, mas a medida em que o som foi ficando mais constante, me vi obrigado a procurar a origem daquele barulho estranho. Acendi a lanterna com a palma da mão na frente, para evitar que o feixe de luz surgisse de súbito. Fiz isso pois descobri que quando se fica bastante tempo no escuro, e uma luz surge de repente, seus olhos estão tão acostumados com a escuridão que eles doem, mesmo com a luz fraca de uma lanterna. Apontei a lanterna para a origem do som, a luz revelou algo que me assombra até os dias de hoje, quase cinquenta anos depois.

Havia um morcego lambendo sangue da panturrilha de Cristiano, não qualquer morcego, mas um morcego enorme. Quanto a esse detalhe, devo ressaltar que minha memória pode ter sido afetada pelos eventos que se sucederam no futuro, criando uma lembrança aumentada. Mas juro que aquilo não me parecia um morcego comum. Um filete de sangue escorria num fluxo constante, empoçando por debaixo da perna do meu primo, enquanto o morcego ficava bebendo o sangue direto da ferida. Num impulso, atirei a própria lanterna contra o morcego.

— Sai daí porra! — gritei.

Ouvi o barulho das asas do morcego alçando voo. A lanterna quicou nas pedras, fazendo o feixe de luz dançar pelas paredes da caverna, piscando até, finalmente, o vidro se quebrar e a luz cessar.

— Que foi? O que tá acontecendo? — choramingou Cristiano, acordando atordoado.

— Um morcego! — respondi — pega sua lanterna, acende!

Uma mistura de confusão e pânico tomou conta de mim. Eu gritava pedindo para ele ligar sua lanterna, ao mesmo tempo em que o agarrava, impedindo que ele alcançasse sua mochila e a lanterna. Cristiano conseguiu se soltar de mim, esticou o braço e pegou a lanterna. A luz acendeu. Fiquei olhando para todos os lados procurando o morcego, imaginando a figura do vampiro se aproximando do meio da escuridão da caverna.

— O que foi? O que aconteceu?

— *O morcego, o morcego, o morcego...* — era tudo que eu conseguia dizer.

— Não estou vendo nada. Não tem morcego nenhum!

Olhei para sua perna. Cristiano acompanhou o meu olhar e viu o filete de sangue que escorria, o fluxo quase parando, o sangue já coagulando.

— Como isso aconteceu? Eu não senti nada! Nada!

Quando finalmente me acalmei, a ferida na panturrilha do meu primo já havia parado de sangrar. Ele estava limpando a perna com um pedaço que arrancou da manga da camiseta.

— Você entrou em pânico, Natan — disse meu primo. Então ele me mostrou a ferida, não era mais que um pontinho na panturrilha, algo quase insignificante. — Viu? Não é nada. Estou bem. Na verdade, eu não senti nada.

— Era um morcego, eu vi. Ele estava... chupando o seu sangue.

Cristiano ficou calado por um tempo tirando as pilhas da lanterna quebrada.

— Agora nós só temos uma lanterna — disse ele — temos que

ter mais cuidado.

Eu não quis mais dormir. Também não quis mais desligar a lanterna. Cristiano tentou me persuadir a economizar as pilhas, mas eu estava assustado demais para ceder. Fiquei espantado com toda calma que Cristiano estava demonstrando.

O tempo passou, hoje sei que ficamos mais de doze horas perdidos na caverna. A água acabou e a luz da lanterna já estava bem fraca, quase acabando, quando ouvimos os apitos. Gritamos, levantamos juntos e jogamos pedras.

— Ei! Estamos aqui! SOCORRO! Estamos aqui!

Quando as luzes chegaram, nos abraçamos.

— Estamos salvos! — eu disse.

— Espera — Cristiano parou, abriu a mochila e tirou o crânio da jaguatirica. Ele jogou o crânio do animal para escuridão, ouvimos apenas o barulho dos ossos quebrando. — Essa porcaria só nos deu azar.

Quando a equipe de resgate chegou Cristiano segurou em meu ombro.

— Aventura irada, não foi? — e sorriu, antes de correr para os braços do bombeiro.

Aquela foi a última vez que falei com o meu primo. Cristiano morreu uma semana depois num hospital da capital. Eu só soube que ele tinha morrido, cerca de dois meses depois do incidente, pois meus pais se recusaram a me contar o que tinha acontecido.

Fiquei transtornado. Como Cristiano podia ter morrido se passamos juntos pela mesma provação e eu estava saudável? Ele estava bem quando fomos resgatados, chegou até a fazer uma piada no final, quando jogou fora o crânio, na escuridão da caverna.

Eu também me senti abatido, mas no outro dia, quando acordei no conforto de minha cama, me senti forte como nunca. A aventura na caverna não era mais que um sonho ruim, algo que parecia ter acontecido há mil anos. Queria ligar para o meu primo e perguntar o que ele estava fazendo, se seus pais haviam desistido de castigá-lo, assim como os meus haviam esquecido de brigar comigo. Mas toda vez tinha uma desculpa diferente. Até o dia que não conseguiram mais esconder de mim.

— Seu primo morreu. Ele acabou ficando doente, muito doente. No começo pensaram que era algo simples, mas quando descobriram a verdade já era tarde demais — me contou meu pai. — Ele teve raiva e não sobreviveu.

— Com assim? Ele estava bem! Foi só um furinho de nada.

Meu pai tentou me explicar o melhor que pôde, mas nenhuma explicação era suficiente para mim. Somente depois de algumas semanas, quando tive coragem de ler nos livros de biologia sobre a tal doença, foi que comecei a entender o que lhe aconteceu. Entre o momento em que Cristiano fora mordido e nosso posterior resgate passaram-se muitas horas. Cristiano não disse nada aos médicos sobre a mordida. Somente quando começou a sentir os primeiros sintomas, foi que ele enfim revelou que havia sido mordido. Fizeram tudo para salvá-lo, mas a infecção já estava na etapa crítica. Não havia mais nada a ser feito por ele. Fiquei intrigado em como Cristiano não acordou enquanto o morcego lambia o seu sangue, hoje sei que a saliva dos morcegos hematófagos possui uma substância que funciona como analgésico.

Ninguém nunca me contou como exatamente Cristiano morreu, mas consigo imaginar. Vejo o meu pobre primo atado a uma

maca, com uma tira de borracha presa no maxilar, babando e se contorcendo, revirando os olhos, agonizando até o momento da parada respiratória chegar.

Aos quinze anos deixei a fazenda para ir estudar na capital. Cresci e comecei a me interessar por astronomia. O grupo de astronomia do qual fazia parte, periodicamente, fazia viagens para o interior a fim de observar fenômenos astrológicos em lugares com pouca poluição luminosa. Quando estávamos ao ar livre meus colegas riam do meu medo de morcegos. Eles diziam “*Morcegos são seres inofensivos*”. Eu ficava sem jeito. Pensava em responder, *depende, alguns carregam vírus mortais em sua corrente sanguínea, e não estou falando do vampirismo*. Como eu não queria reabrir antigas feridas nem contar em como um primo meu havia morrido por culpa de um morcego, deixava de lado a zombaria e me concentrava em fazer meus relatórios de observação.

Me tornei adulto, e como é natural, perdi completamente o medo de vampiros. Morcegos, por outro lado, ainda me causavam calafrios. No fim das contas, não custava nada deixar as janelas bem fechadas à noite.

Só para garantir.

## 6

Como não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a medonha criatura, meu rendimento caiu, comecei a executar minhas aulas de forma automática, completamente alheio ao comportamento dos alunos. Estava sempre distante e pensativo. Perdi completamente o apetite e não demorou

para que os furos no meu sinto não fossem mais suficientes para manter minha calça no lugar.

Tentei disfarçar o meu semblante cansado sem sucesso. A quem perguntava o que estava acontecendo, respondia que estava passando por problemas pessoais, esperando com isso estabelecer um constrangimento inerente a situação, algo que me mantivesse afastado de mais questionamentos intrusivos. Essa desculpa funcionou por algum tempo, até eu conseguir minha dispensa não remunerada de dez dias.

Não sou louco, tenho consciência da realidade, tentei racionalizar o que havia acontecido. Pensei que poderia ter imaginado a coisa. Ou melhor, tentei me convencer disto.

Fiz um esforço para criar uma rotina saudável. Fazer exercícios, ler bastante, e escrever meus próximos artigos para a revista de astronomia. Manter a cabeça ocupada e tentar descansar até o fim da licença, enquanto fingia para mim mesmo que nada havia acontecido. Continuava mantendo todas as janelas do apartamento fechadas.

## 7

**A** pesar do esforço para me manter produtivo, nesses dias acabei por criar o péssimo hábito de beber além da conta. Em menos de uma semana havia acabado com todo o meu estoque de vinho. Fui até o supermercado para comprar mais garrafas e no caminho vi uma coisa que mudou novamente a minha maneira de ver o mundo.

A dois quarteirões de casa vi uma senhora segurando um maço

de folhas de papel e colando um panfleto no poste da esquina. Se tratava de Dona Vanusa, uma senhora que morava no meu prédio e cujo apartamento ficava dois andares abaixo do meu. O panfleto era uma xerox mal tirada com a mensagem de *procura-se*, abaixo da foto de alto-contraste de um beagle. Me ofereci para ajudá-la e ela me contou o que havia acontecido. O cachorro chamado Pituco havia sumido há três dias, no meio da noite, de dentro de seu apartamento. Ninguém soube explicar como o cão pôde ter desaparecido simplesmente do nada. Ajudei a senhora a colar alguns panfletos. Quando terminei, continuei meu caminho rumo ao supermercado.

Durante o trajeto, fui pensando em como o bairro em que morava era calmo e limpo em comparação com os bairros vizinhos. O bairro se chamava Austeres e ficava próximo ao centro. Diferente de todos os bairros que circundam o centro da cidade no resto do país, praticamente não havia animais trafegando pelas ruas. Não se viam pombos ou pardais sobre os fios de telefone, não tínhamos gatos passeando pelos telhados, ratos correndo sobre os muros, nem mesmo cachorros virando as latas de lixo. Quando concluí o motivo desse peculiar aspecto, senti calafrios.

Fiquei assombrado quando cheguei até uma parada de ônibus e me dei conta de algo que sempre esteve lá, e eu nunca tinha prestado atenção. Dezenas de cartazes de *procura-se* colados nas paredes. Cães, gatos, papagaios e, até mesmo, alguém procurando um furão. Muitos deles sobrepostos, colados uns sobre os outros, rasgados, com e sem recompensas. Todos com a mesma palavra estampada: *DESAPARECIDO*.

Um forte vento soprou, chamando minha atenção para o céu

de chumbo. O fim da tarde se aproximava. Um vendaval fez uma placa de metal se descolar e cair na calçada, quase aos meus pés, revelando toda uma nova coleção de cartazes amarelados. Em um deles, apesar de corroído, manchado e amarelado, mantinha-se legível uma foto e a mensagem original. Era mais um cartaz de *procura-se*, dessa vez, com a foto de um cão labrador adulto. O nome do cão descrito era Tostão e seu dono oferecia a quantia de cem mil *cruzados* como recompensa. A unidade monetária defasada deixava evidente, seja lá o que estivesse fazendo sumir com aqueles animais, estava acontecendo há muito tempo.

Chegando em casa, joguei todas as coisas sobre a mesa e fui direto ao telefone da sala. Retirei a agenda da gaveta e procurei pelo nome de Carolina.

— Alô, Carolina? Aqui é Natan, tudo bem?

— Olá, Natan, está tudo ótimo e com você?

— Sim, tudo ótimo. Você sabe, ainda estou de licença, então estou com um bocado de tempo livre... — Tentei ao máximo disfarçar o nervosismo. Era só um velho amigo ligando. — Carolina, eu poderia falar com Gustavo?

— Aconteceu alguma coisa?

— Não é nada demais. Encontrei um livro que não me pertence e queria saber se ele não esqueceu nada da última vez em que esteve aqui.

Não sabia ao certo o que esperar com aquela ligação, mas, naquele momento, precisava tentar seguir minha intuição.

— Alô... — A voz do garoto soou desconfiada.

— Gustavo, sou eu, o professor Natan. Preciso perguntar uma coisa e queria que você respondesse com sinceridade, tudo bem?

Esperei até que o garoto confirmasse com hesitação do outro lado da linha. Pude até imaginar a expressão de medo que ele deveria está fazendo naquele momento, esperando o menor deslize para desligar o telefone.

— Ouça Gustavo, eu sei o que te assustou naquela noite, confie em mim, eu lhe entendo. Você viu aquela coisa... *feia*, não foi? A coisa no prédio velho, a coisa peluda que voa? Não precisa ter medo de me contar a verdade.

— Não estava voando... — disse Gustavo quase sussurrando.  
— Ela estava... comendo.

Minha garganta ficou áspera e tive que engolir em seco. Dessa vez fui eu quem ficou calado. Ouvei Carolina falando algo ao fundo.

— Ouça bem Gustavo, quero apenas que você me confirme que está seguro do que você viu. Quer dizer, às vezes, quando a gente vê um filme de terror, ou ouve uma história sinistra, nossa mente prega peças em nós. Não há nada de errado nisso, isso é normal e pode acontecer com qualquer um. Por isso eu preciso que você se concentre. Você *realmente* viu aquela coisa no prédio?

— Se você acha que não é de verdade, então por que você também está com medo?

Aquilo me atingiu profundamente. Não havia resposta para aquele questionamento.

— Minha mãe está me chamando para o jantar, preciso desligar.

— Eu entendo. Vou falar com a sua mãe e dizer que não poderei mais lhe dar aulas. Acho que depois disso você não iria querer mais voltar aqui. É a minha forma de agradecer. Obrigado.

— Tudo bem — disse ele com a voz mais calma, provavelmente aliviado de saber que não precisaria mais voltar para o meu apartamento. — Ah, Professor Natan?

— Pois não? Pode falar Gustavo, ainda estou aqui.

— Se eu fosse o senhor, deixava as janelas sempre fechadas.

Aquele conselho dito antes do garoto desligar foi comovente, tanto quanto desnecessário.

Passei a noite em claro, lendo livros de biologia e estudando os mamíferos voadores, os *quirópteros*. Pensava que se entendesse sua biologia, seu comportamento, talvez encontrasse uma maneira de entender o meu medo e aprender a lidar com toda a situação. Óbvio que não havia nada sobre morcegos gigantes nas enciclopédias. Os monstros de verdade não estão nos livros científicos, estão nas lendas.

Às vezes, quando estava debruçado sobre algum livro, me pegava relembrando aquele cartaz de *procura-se* do cão labrador Tostão, e tremia ao imaginar quão forte deveria ser uma criatura capaz de erguer e levar embora um cão, não qualquer cão, mas a *porra de um labrador adulto*. Aquela coisa deveria estar solta lá fora, pousada nos telhados e observando pelos becos, quintais e sacadas, procurando por animais para se alimentar.

Eu precisava tomar alguma atitude, do contrário, teria que viver com aquele medo, apavorado como uma criança, verificando todas as noites se as janelas estavam devidamente trancadas, evitando sair à noite, evitando olhar para o céu.

Procurei ligar para conhecidos e fazer contatos. Falei com um colega professor que me indicou um amigo biólogo que trabalhava na universidade. Também conversei com outro pesquisa-

dor que trabalhava num grande zoológico. Nenhum deles foi de grande ajuda. Na verdade, sempre que eu me aproximava de relatar a existência de uma criatura como aquela, os comentários se transformavam imediatamente em sarcasmo. Eles achavam que eu estava brincando ou tentando lhes pregar uma peça. Cogitei comprar uma câmera fotográfica de alta precisão para a fotografar a coisa, mostrar para eles que não era brincadeira, esfregar no rosto deles a imagem da coisa grotesca. Mas algo em minha intuição me disse que nem isso adiantaria. Mesmo que, a custo de muito trabalho e muito tempo, eu conseguisse tirar uma fotografia minimamente decente, suspeito que ainda assim aqueles tolos não acreditariam em mim. Diriam que era uma montagem, ou inventariam qualquer desculpa para não aceitarem a verdade, se o animal não estava listado nos estudos científicos, logo não existia.

Foi nessa noite que fechei os livros e comecei a planejar uma ação. Faria mais do que simplesmente tirar uma foto da criatura.

Eu iria capturá-la e depois matá-la.

## 8

**F**ui caminhando até o Edifício Maria Lusitana, dentro da mochila levava comigo um martelo, luvas, uma corda, e o principal, uma pistola de atirar pregos.

Não foi fácil conseguir esse item. Olhando em retrospectiva, tudo teria sido mais fácil se eu tivesse conseguido arranjar uma arma de fogo. Até mesmo um prático e barato revólver de pequeno calibre. Mas comprar uma arma estava fora do meu alcance. Eu era só um mero professor que nunca segurou uma arma na

vida, não fazia ideia de como conseguir esse tipo de coisa e mesmo que conseguisse adquirir uma, era quase certo que não saberia como manuseá-la.

A ideia da pistola de pregos surgiu quando visitei uma loja de material de construção. Quando vi aquela ferramenta, percebi que ela seria ideal para o meu objetivo. Comprei o equipamento e fiz alguns testes. A arma era boa, disparava pregos de 10 cm com força suficiente para perfurar concreto, tudo graças aos seus pistões movidos a pólvora. Só tinha um problema, o mecanismo de segurança impedia o disparo, a menos que houvesse pressão suficiente na extremidade do bico. Depois de estudar o mecanismo, consegui contornar esse problema com uma elaborada gambiarra, feita com presilhas de aço que deixavam o sistema sempre engatilhado.

Durante os testes a arma demonstrou ser mais efetiva a uma distância mínima de dois metros, mais do que isso o projétil perdia bastante força, e muitos pregos nem sequer chegavam a ficar cravados na tábua de madeira usada no treinamento. Não era o tipo de arma ideal, mas para mim, era mais prático do que a segunda opção, o arco e flecha da loja Caça&Pesca.

Chegando no prédio abandonado, comecei a procurar pelo melhor local para fazer a invasão. A rua estava deserta. Na vizinhança havia prédios de três andares que serviam como depósitos, a maior parte abandonada. Isso me deixou tranquilo para forçar minha entrada por qualquer um dos cantos. Todas as entradas estavam fechadas, algumas com tábuas e outras completamente emparedadas. Até mesmo as janelas do primeiro andar estavam seladas com tijolos, para caso alguém tivesse disposição para es-

calar.

Enquanto me via quebrando a cabeça para encontrar um aceso, um catador de papelão parou o seu carrinho na calçada da frente e ficou me olhando com indisfarçável atenção. Quando ele se aproximou, achei que me pediria dinheiro ou cigarros.

— Aí não é um bom lugar pra se roubar — disse ele, em seguida tirou um corote de cachaça de dentro do bolço, abriu a tampa e deu um gole. — Acho melhor tu procurar outra parada. Essa não vale a pena.

— Por que não?

— Já ouvi muita conversa sobre esse lugar. Ninguém entra aí. O pessoal prefere dormir na chuva do que entrar nesse prédio. Dizem que aí mora o *seca-vagabundo*.

— O que é o *seca-vagabundo*?

O catador de papelão virou as costas e caminhou de volta para o seu carrinho.

Corri atrás dele e insisti até que ele se abrisse comigo. Com um pouco de calma, consegui que ele me explicasse melhor o que significava aquele termo, o que ele sabia sobre o velho hotel abandonado.

Entre goles de cachaça ele começou a falar. Me contou que o *seca-vagabundo* era uma criatura que rondava à noite e que, sempre que encontrava um mendigo dormindo ao relento, ou um drogado jogado em algum banco de praça, pousava sobre o infeliz e sugava todo o seu sangue. *O cadáver ficava murcho como um maracujá, sem uma gota de sangue, com os olhos arregalados, secos; morria como se tivesse visto o próprio demônio.*

— Por isso não fica ninguém aqui. Ninguém é doido de arris-

car o pescoço. Tem vagabundo que tem mais medo do seca-vagabundo que da polícia.

— E você? Chegou a ver a coisa?

O catador ficou pálido, sua expressão congelou, novas rugas entornaram ao redor de seus olhos, dando a ele uma aparência ainda mais sofrida do que de fato já era.

— Vamos, venha comigo. Vou te levar num local aqui perto. Podemos comer algo e beber um pouco. Assim você pode me contar com calma tudo que você sabe.

As descobertas que fiz com a ajuda desse morador de rua foram incríveis. Após pedir dois pratos de rosbife com porção extra de batata fritas e, tomando uma cerveja escura de uma marca que nunca tinha visto na vida, ele começou a falar sem parar. Ele se chamava Genivaldo e morava num barraco de pau e papelão próximo à estação de trens. Passava com seu carrinho catando lata e papelão por, praticamente, metade da cidade.

— Então, amigo, sobre aquela coisa, no prédio abandonado. Você chegou a ver ou não?

Essa foi a primeira vez que o catador parou de comer. Ele limpou a boca com a manga imunda do suéter rasgado, tomou um gole da cerveja preta e balançou a cabeça.

— Eu era novo na cidade, *dotô*, ainda não conhecia a cartilha da rua. Tava perambulando com um companheiro de barraco, procurando parada fácil. Nesse tempo a gente não dispensava nada, fio de cobre, lâmpada de rua, toca fita de carro, a gente levava tudo que tivesse na frente. Quando *nóis* viu o prédio abandonado, *nóis* sabia que deveria ter coisa boa lá dentro. Foi o meu companheiro que achou a brecha na janela de trás do primeiro

andar. Então *nóis entramos*.

— Calma, primeiro me diga como vocês conseguiram subir até a janela do segundo andar?

— Tem um muro que fica atrás. *Nóis fomos* andando pelo muro até chegar na quina. Meu amigo pulou na frente e subiu no batente do primeiro andar, então ele me puxou pra cima.

— Certo, continue. O que vocês encontraram lá dentro?

— O mesmo de sempre. Muita tralha, lixo, móvel comido de cupim, merda de rato, jornal amassado...

A garçõnete começou a recolher os pratos, Genivaldo catou o que havia sobrado das batatas e colocou todas de uma só vez dentro da boca. A garçõnete me olhou com repreensão, sem esconder o nojo que sentia em ter que servir o homem maltrapilho.

— Escute, Genivaldo, antes de sairmos vou pedir para lhe preparem uma quentinha para você jantar, tudo bem? Então, pode largar essas batatas e me conte o que aconteceu.

— Nos primeiros andares não tinha nada de interessante. *Nóis* subimos procurando coisas, mas não achamos nada. Cada andar que *nóis* subia, tudo ficava pior. Começou a aparecer carcaça de tudo quanto é bicho morto. Cachorro, gato e outras coisas que não dava nem pra dizer qual bicho que era. Mais e mais coisas dessas iam aparecendo a cada andar. As paredes eram *tudo preta*, tudo queimado. Eu falei pro meu companheiro que não *tava* mais aguentando aquele fedor.

— Que fedor? Você não falou de fedor nenhum...

— Não falei? — disse ele coçando os pelos da barba, longos pelos brancos e grossos. — O cheiro de madeira podre. Parecia aquele cheiro de cova mal cavada, na terra rasa, quando chove e

a água chega lá dentro. No interior que eu morava, às *vez* isso acontecia. Quando alguém morria e o coveiro não cavava o suficiente, o caixão apodrecia com o defunto e o fedor subia de dentro da terra.

Genivaldo se inclinou para o lado e cuspiu no chão. Torci para que a garçonete não visse aquilo.

— O que tinha lá? Nos últimos andares?

— Sujeira no chão, monte de bosta espalhado e osso de bicho. Eu chamei meu companheiro *pra* ir embora. Mas o meu amigo me puxou pelo braço, “*olha ali malandro!*”. Ele apontou *pra* um armário, lá em cima tinha uma TV, sabe aquelas TV pequena que tinha antigamente? Eu disse, “*deixa isso pra lá, se não levaram é porque não presta*”. Mas o cara era cabeça dura, ele respondeu, “*não vou sair daqui de mão vazia, me ajuda a subir malandro*”. Pegamos uma cadeira velha, eu segurei, ele subiu. Foi botando os pés e subindo, prateleira por prateleira, até lá em cima. Foi quando eu percebi que tinha coisa errada.

O catador começou a suar, levantava constantemente o boné para enxugar a testa. Cada vez que fazia isso, podia perceber a marca de sol desenhada na testa do homem pelo uso incansável do boné surrado.

— O que é que tinha de errado?

— O teto parecia que *tava* vivo...

— Vivo?

— Se mexendo. Eu puxei a bainha da calça do meu companheiro. Queria avisar que o teto *tava* se mexendo, parecia uma onda preta, formigando. Mas ele *tava* tentando arrancar a porra da *tevêzinha* que *tava* presa na parede, era por isso que ninguém

tinha roubado ainda. Eu falei, “*olha pra cima, porra!*” Mas ele só queria saber de arrancar a merda da TV da parede. Eu saí de perto. Bem devagar, olhando pra cima. Meu companheiro arrancou a TV, virou pra mim e viu que eu *tava* olhando pra cima. Ele falou, “*que porra é essa?*”. E as coisas saíram voando pra cima dele.

— Os morcegos, eram muitos?

— Muitos.

— Quantos, dezenas?

— Não sei. Parecia um enxame.

— Eles atacaram vocês?

— Primeiro eles foram *tudo* pra cima do meu colega. *Tudo* voando *inredor* da cara do coitado. A TV ele jogou pra baixo. Ele se desequilibrou e caiu. Os *bicho* desceram tudo pra cima dele...

— Você saiu correndo?

— Ainda não.

— É o que eu teria feito.

— Peguei um pedaço de pau e corri pra cima dele. Saí espancando os morcegos, batendo pra tudo quanto é lado, tentando tirar os bichos de cima do meu amigo. O pau ficou molhado do sangue dos bichos. Cada varada eu derrubava uns três. Meu amigo ficou gritando. *Tava* todo rasgado, a cara toda cortada. Ele gritava e tentava abrir os olhos, mas não dava, porque *tava* sempre cheio de sangue. Falei pra ele se levantar, pra *nóis* sair dali, mas ele disse que não dava. “*Num-dá! Num-dá!*” — nesse momento o catador tentou imitar a voz do seu amigo. — Os bichos já *tava* avançando nos meus braços, *tudo* cortado. Eles não tinham medo, vinham pra cima mesmo pra morrer, o chão já *tava* cheio deles, se estrebuchando. Meu amigo conseguiu limpar os olhos e deu um grito.

Eu virei pra trás e vi a coisa descendo por um buraco no teto.

Nesse momento me inclinei para frente, fitei os olhos do catador que pareciam faiscar com as lembranças.

— Como era a coisa? — perguntei.

— Grande.

— Grande quanto?

— Você sabe. Não preciso ficar dizendo.

— Tudo bem, o que aconteceu em seguida?

— Ele deu um grito — o catador imitou o grito da criatura, os pelos do meu braço se eriçam até hoje quando lembro da sua imitação, quase um assovio macabro — e todos os outros foram pra longe. A coisa veio escalando pelo teto, devagar, todos os outros morcegos ficaram pequenos perto dela. Quando eu vi aquilo vindo, larguei o pau e sai correndo. Deixei o pobre pra trás, só pensava em sair de perto daquela coisa. Na escada, eu ainda dei uma olhada pra trás. Me arrependo até hoje de ter feito isso. Vi os últimos momentos do meu companheiro, quando a coisa já *tava* em cima dele, arrancando as tripas dele, mastigando a cabeça. Posso viver mil anos e não me esqueço. Sabe, *dotô*, a gente que vive na rua, sem destino, vê muita coisa feia nesse mundo, mas aquilo não tem comparação.

— Você disse que isso já faz tempo...

— Dez anos.

— Você já entrou no prédio depois disso?

Ele deu para trás como se tivesse levado um tapa. Sorriu, apertou o boné fundo na cabeça.

— Nem por todo dinheiro do mundo, *dotô*. Às *veiz*, como hoje, eu passo lá em frente. Gostaria de não precisar passar, mas é

o jeito. Agora, entrar lá? — ele balançou a cabeça, ainda sorrindo, um sorriso de poucos dentes. — Depois que eu me amanei na rua, fiquei sabendo da história do *seca-vagabundo*. Quando eu conto que subi até o último andar, meus colegas de esquina me chamam de doido.

— Ouça, Genivaldo, você entraria novamente comigo no prédio? Eu posso lhe dar uma boa quantia.

Genivaldo terminou de beber sua garrafa de cerveja preta sem dar a mínima atenção para minha proposta, como alguém que é convidado para dar um passeio na superfície da lua. Então se estirou com as mãos para trás do encosto da cadeira.

— Eu sei, falando assim parece loucura. Mas dessa vez nós estaremos preparados. Nós já sabemos o que esperar e vamos levar armas para nos defendermos (eu estava incluindo na definição de *arma* minha pistola de atirar pregos, torcendo para que ele aceitasse isso como equivalente).

Ele continuou calado. Impaciente, tive que apelar:

— Aquilo é só um animal! Nós podemos dar conta. Vamos! Me ajude a acabar com aquela aberração e vingue a morte do seu amigo.

A garçonete deixou a sacola com a marmita sobre a mesa, Genivaldo pegou-a e colocou dentro do suéter rasgado. Pegou o meu copo e tomou o último gole do suco de pêssegos que havia pedido.

— Vamos, pense no dinheiro.

— Você ainda não entendeu nada, *dotô*. Não dá pra matar o bicho. De *vez* em quando aparece um malandro nas esquinas falando que subiu até o último andar. Eles dizem que não viram

nada, que só tem bosta de morcego e rato, mais nada. E não *tão* mentindo. O seca-vagabundo não é burro, ele sabe quando *tão* indo pra pegar ele. Ele não precisa se apressar, porque ele tem todo tempo do mundo. Ele vence a gente no cansaço, quando a gente menos espera. Meu amigo morreu porque foi burro e eu não devo nada pra ele. Obrigado pela janta, *dotô*.

Fiquei parado vendo catador sair pela porta da frente da lanchonete, enquanto era seguido pelo olhar de julgamento dos demais clientes.

Percebi como estava sendo descuidado tentando entrar no prédio sozinho. Caso ele não tivesse aparecido, eu teria encontrado um jeito de entrar. Subiria os andares e enfrentaria a coisa num terreno desconhecido, o campo do inimigo. Levando em conta que a coisa aparecesse, eu estaria em desvantagem. Poderia cair numa armadilha ou entrar num corredor sem saída. Para ter melhores chances de vitória deveria mudar o plano. Ao invés de ir até ela, teria que atraí-la até mim.

Paguei a conta e dei um extra para garçonzete. Na saída, perguntei a ela onde poderia conseguir um cão adulto para adoção. Ela me olhou estranho, nem a gorjeta serviu para desfazer a má impressão que o catador deixou, mesmo assim, ela me passou o papel com o endereço escrito à caneta. Sorri e agradei a indicação.

## 9

**N**a manhã seguinte peguei um taxi e fui direto até o centro de Recolhimento de Animais. Preenchi uma ficha de adoção, respondi algumas perguntas, e em menos

de uma hora, estava voltando para casa com um pequeno cão vira-lata.

À tarde fui as compras. Encomendei a madeira, que seria entregue no outro dia, enfatizei a urgência do pedido. Chegando em casa, avisei para o síndico que precisava fazer uma reforma urgente no meu apartamento. Ele me passou as instruções, até que horas poderia haver barulho e como os operários deveriam usar o elevador de serviço. Informei que eu mesmo iria realizar a tarefa, que ficaria pronto em apenas um dia, e que os entregadores iriam apenas levar a madeira até o meu apartamento.

Na sala do apartamento eu fiz a checagem dos itens. Queria ter certeza que não havia esquecido nada. Havia um grampeador de aço para madeira, um pé de cabra, vinte metros de cordame de nylon, uma rede de caça, um martelo com cabo emborrachado, um serrote, um par de luvas para trabalho pesado, uma caixa de pregos, grampos, e como não poderia esquecer, uma isca. Virei para o pobre cãozinho. Ele estava sentado com seus olhos grandes olhando para mim.

No abrigo, quando eu ia saindo com o cãozinho no colo, um dos funcionários me perguntou qual seria o novo nome que eu daria ao cãozinho. Aquilo me pegou desprevenido. Pensei rapidamente e disse que mudaria o nome do cão para Isaque. O funcionário sorriu e fechou o portão gradeado atrás de mim. Se Isaque tivesse sorte, talvez Deus o salvasse no último instante, assim como na Bíblia.

Sei que o que planejava fazer com o cão poderia ser visto como uma imensa falta de sensibilidade de minha parte, quem sabe até mesmo crueldade. Mas a verdade é que não esperava que nada de

mal acontecesse com ele. Se tudo saísse como o planejado, Isaque não se machucaria. Além disso, a coisa que estava solta pela noite vinha matando animais há muitos anos, capturá-la significaria salvar a vida de outros tantos animais. Sendo assim, estava com a consciência tranquila quando alimentei Isaque, colocando ração no seu recém comprado comedouro.

## 10

**H**avia chegado o grande dia. Acordei às seis da manhã, gostaria de ter começado o quanto antes, mas o síndico só liberou o horário para reformas a partir das oito horas. Após o banho, fiz bastante café e enchi a garrafa térmica.

Afastei os móveis. Tirei praticamente tudo da sala. O sofá foi para no corredor, o rack foi para a cozinha com a minha poltrona de leitura. Virei a mesa e coloquei atravessada no quarto de visitas. Precisava de espaço. No horário combinado, os entregadores deixaram a madeira. Eu paguei um extra pela pontualidade, e assim que eles saíram vesti as luvas. Era hora do serviço duro.

A primeira coisa que fiz foi separar as ripas de madeira, colocando de lado as maiores e mais pesadas, e deixando as menores no meio da sala. Enquanto eu carregava as ripas, Isaque ficou pulando e roçando entre minhas pernas, provavelmente achando divertido todo aquele movimento, ele mordida e puxava a bainha da minha calça. Tive que prendê-lo dentro do banheiro para que ele não me atrapalhasse. Coloquei comida e água, e enquanto o cachorro comia sua ração, eu me peguei pensando o que faria com ele depois que tudo acabasse, isso é, levando em consideração que

ele sobrevivesse. *Ele seria o meu cachorro de verdade?* Abandonei a questão e voltei para o serviço. O mais importante era terminar o que havia começado, depois eu me preocuparia com os detalhes.

Com tudo no lugar, comecei a pregar as tábuas e as ripas, fazendo a montagem do que seria o esqueleto da armadilha. Martelava e media, sempre tomando cuidado para deixar tudo devidamente alinhado. Após pregar cada ripa eu conferia a peça para ter certeza que estava bem firme, não queria correr o risco da minha arapuca desmontar no momento mais delicado. Uma vez finalizado o esqueleto, eu comecei a juntar as paredes da armadilha. Utilizei os caibros mais grossos para reforçar a base, pois elas seriam as responsáveis por manter toda estrutura firme. As próximas etapas foram construir e pregar o fundo da armadilha, e isso levou mais algumas horas.

Parei para respeitar o período de silêncio da hora do almoço, quando vi no meu relógio de pulso que já era meio dia. Sentei-me no chão da sala e admirei a minha obra.

A armadilha parecia com um enorme caixão de madeira. Uma coisa agourenta e completamente destoante do ambiente à sua volta. Apesar de ser feia, ela serviria ao seu propósito. Levando em conta que foi feita por uma pessoa sem experiência prévia em carpintaria, até que não estava tão mal.

Quando retornei ao trabalho o serviço mais pesado havia acabado, mas faltava ainda a parte mais difícil: o mecanismo da porta. Precisava encaixar a tampa do alçapão de forma que ela deslizasse com rapidez para baixo. Tudo isso, fazendo depois uma trava que fosse forte o suficiente para prender a coisa e não a deixar escapar.

Fiz as medições, risquei as marcas, serrei e lixei as arestas até

que ela deslizasse nos vincos com o mínimo de atrito e com o máximo de eficiência. Eu havia visto o quão ágil aquela criatura era. Se a porta do alçapão não fechasse rápido o suficiente, a coisa conseguiria escapar. Para finalizar, coloquei a tora mais pesada de madeira sobre a alça da porta, conferindo assim um peso extra, tornando a tampa quase uma guilhotina.

Ao final da tarde, eu já tinha terminado a armadilha. Fiz alguns testes. Em todos eles tudo ocorreu como previsto. A tampa da armadilha desceu rápida e com força, produzindo um estalo alto de madeira quando batia no fundo. Gostaria de ter tido mais tempo para conferir os últimos detalhes, mas o sol já iria se pôr. Teria que confiar no meu esforço. Tinha que funcionar.

Fui tomar um banho, me livrar de todo aquele suor. Tirei as luvas e vi que começavam a surgir bolhas nas minhas mãos. Minhas costas doíam e meus braços estavam ardendo, minhas pernas eram acometidas por tremores involuntários, a jornada de marteladas estava cobrando o seu preço. Vesti uma roupa limpa e fui até a cozinha. No caminho, observei a armadilha e percebi como toda aquela situação era surreal. Havia um caixão de madeira de dois metros de comprimento por um e meio de largura, bem no meio da minha sala de estar. Pensei que se alguém visse aquilo, pensaria que eu estava louco.

Fiz uma garrafa de café e comi um sanduíche de ovos com bacon. Isaque sentiu o cheiro de comida e latiu de dentro do banheiro. Olhei para o relógio, o momento estava se aproximando.

**D**esliguei todas as luzes do apartamento, peguei a garrafa de café e fui para o meu lugar sagrado junto ao telescópio. Comecei a minha observação.

Na altura da minha mão direita estava uma alça com a ponta do cordame de nylon. O cordame descia pelo tripé e corria numa linha direta até o canto da parede. De lá, subia até o teto, onde era guiado pelas pequenas argolas de aço até a boca do grande caixão de madeira. Esse era o mecanismo. Bastava um movimento rápido, puxar o cordame com força para fazer a tampa da armadilha cair. Era assim que tinha que ser, e era assim que eu torcia para que funcionasse na hora certa.

Dentro da armadilha, no fundo do caixão, estava o pobre cão, deitado com a cabeça repousada sobre as patas cruzadas. Deixei a corda com uma sobra para que ele pudesse se movimentar um pouco, não muito, pois não queria correr o risco dele sair de sua posição estratégica. Encostado na banquetta, entre as minhas pernas, estava o pé de cabra, e sobre o meu colo, a arma de pregos. O último elemento. Seria com ele que eu acabaria com aquela coisa.

Tudo no seu devido lugar, só me restava esperar com a paciência de um caçador.

Enquanto esperava, minha mente viajava para os mais diferentes cantos e épocas. Pensei nos dias de infância, no meu quarto, nos morcegos.

As horas se passaram e não havia nenhum sinal da criatura. Comecei a me dar conta que as coisas não seriam tão fáceis quanto eu havia planejado. Tudo que eu tinha como garantia era o

apetite da coisa por animais de estimação, mas nada podia garantir com certeza que a criatura apareceria naquela noite, nem mesmo na próxima, ou mesmo nas noites vindouras. Talvez levasse dias, semanas, até eu ter uma chance.

*Não! Aquilo tinha que acabar logo, o quanto antes!*

Não aguentaria aquela situação por mais tempo. Seria pedir demais para mim mesmo, para minha força de vontade. Como seria minha vida daqui para frente quando voltasse a dar aulas? Teria que conviver com a porra de um grotesco caixão no meio da minha sala de estar? Torcendo para que ninguém descobrisse o que eu estava fazendo, caso contrário seria tido como louco.

Faltavam sete minutos para três horas da manhã quando eu resolvi incrementar a armadilha. Fui até o armário da cozinha e peguei a faca grande de fatiar carne. Caminhei até o fundo da armadilha e agarrei o cão pela coleira. O cãozinho ainda estava sonolento quando o levei até a sacada. Usei uma fita para prender seu focinho e foi quando ele começou a se mover com mais afinco, tentando se livrar de mim.

Peguei a faca e decepei sua calda com um só movimento forte. O cãozinho grunhiu de dor, num lamento sofrido e abafado pela fita que prendia o seu focinho, ritmado pela sua respiração ofegante.

Ergui o corpo do cão e deixei que o seu sangue pingasse e escorresse pelo parapeito da sacada. Voltei andando de costas e recoloquei Isaque na sua posição anterior. Com isso criei uma trilha de sangue pelo chão do apartamento, com grandes poças vermelhas, que começavam no parapeito e levavam até o interior

da armadilha.

Quando terminei de amarrar Isaque no fundo da armadilha, ouvi um assobio agudo e distante, vindo dos prédios além. Senti um calafrio imediato em minha nuca. Dizem que um tubarão pode sentir uma gota de sangue no meio do mar, então por que um monstro como aquele também não seria capaz de fazer o mesmo?

Voltei correndo para a minha posição no canto da sala, com as mãos trêmulas, pressentindo a aproximação da criatura. E meu pressentimento se confirmou.

Cheguei na banquetta no exato momento em que a criatura pousou no parapeito da sacada. Ela trouxe consigo o cheiro de madeira podre e tinha os longos pelo cinzento, com asas do tamanho de asas de condores. Seu corpo era recoberto de uma pelugem grossa, suas presas pareciam as presas dos tigres. Me considero um homem temente a Deus, e acredito que o Pai Celeste criou a todos os animais da terra, mas a existência de uma coisa como aquela era uma afronta à natureza.

Fiquei estarecido, imóvel. Duvido que tenha sequer sido capaz de respirar durante aqueles segundos iniciais.

A coisa farejou com suas narinas pontiagudas, de onde escorria um muco branco e viscoso, e virou sua odiosa cabeça para mim. Seus pequenos olhos vermelhos brilharam, enquanto ela franzia o focinho e mostrava suas presas para mim, numa clara exibição de ameaça. Inconscientemente, pois nada que fiz desde então foi planejado ou ponderado, deslizei minha mão na direção do pé de cabra sem tirar os olhos da coisa, sem nem sequer piscar.

Percebi a hesitação da criatura. Ela abaixou a cabeça e se con-

traiu, movendo as patas dianteiras para a posição de fuga. Aquela coisa podia ser tudo, menos burra. Ela era uma criatura ancestral e não havia chegado a uma expectativa de vida tão grande se colocando em perigo desnecessário. Ela sentia, com seus sentidos aguçados, que algo estava errado. Qualquer movimento meu e ela não hesitaria em sair voando, sumindo na noite.

Acho que era isso mesmo que aconteceria caso não houvesse tanto sangue espalhado pelo chão. Aquilo era irresistível. A coisa deveria estar faminta, os gatos e cães estavam em falta ultimamente e ela não podia ignorar um prato como aquele.

Tive certeza disso quando a coisa se curvou, abaixou a cabeça e começou a lamber o sangue que escorria no parapeito. Uma língua vermelha e comprida, bifurcada como a língua de uma serpente, indo e voltando, sugando os filetes de sangue. Estava agarrado ao pé de cabra e nem percebi quando o havia pego. A arma de pregos estava um pouco mais a frente sobre a banqueta. Esperei, ainda não era tempo de usá-la.

Lentamente a coisa foi se esgueirando até o chão. Lambendo as poças de sangue, se movendo desajeitada, farejando a isca, o pobre Isaque que grunhia no fundo do caixão, alheio à ameaça que se aproximava.

Quando chegou na entrada da armadilha a coisa se deteve. Ela cheirou os cantos do caixão e franziu o focinho, como se desconfiasse de algo. Por um momento eu pensei que ela tinha se dado conta do que era aquilo e que daria meia volta. Talvez vindo até mim ao invés de ir para o cão, e me atacando como represália.

A criatura virou-se para mim e andou até onde estava.

Me dei conta de como havia sido estúpido. Segurei com mais

força o pé de cabra, senti o metal frio contra as palmas das minhas mãos suadas.

Ela chegou aos meus pés com aquele andar felino e farejou minhas pernas. Seu focinho se crispava, deixando a amostra uma fileira interminável de dentes afiados, enquanto a saliva escorria de seu lábio inferior fazendo pequenas poças brancas sobre os meus sapatos. Eu estava com o pé de cabra erguido e tive que me controlar para não tomar uma ação precipitada. A coisa precisava entrar na armadilha, caso contrário, poderia fugir e nunca mais voltar.

Nesse momento, não sei como, Isaque se desvencilhou da fita que havia posto em seu focinho e começou a chorar, grunhindo num som de apelo que só os cães feridos são capazes de produzir, e aquele ganido de animal indefeso era, aparentemente, ainda mais irresistível que o próprio sangue. A coisa se virou, arfou em direção ao som e voltou a se pôr em movimento, esgueirando-se sem interrupções para dentro da armadilha.

Lembro com exatidão da cena, o som das garras do monstro arranhando contra o chão de madeira da armadilha, chegando cada vez mais perto do cãozinho indefeso que gemia ao fundo.

Foi tudo muito rápido. Tão logo a criatura entrou no caixão os grunhidos do cãozinho cessaram, foram substituídos pelos estalos de ossos sendo partidos e pele sendo rasgada. Mesmo no escuro pude ver por entre as brechas das traves, a cabeça da criatura desmembrando e comendo o cão. Somente quando o monstro começou a mastigar o crânio de Isaque foi que acordei do estado de torpor e fiz a única coisa que deveria ter feito, puxei o cordame acionando o mecanismo da tampa.

Ao se dar conta de que estava presa a criatura se lançou com toda força contra a tampa de madeira da armadilha. A violência do impacto foi tamanha que fez o caixão se deslocar alguns centímetros para frente. Então, outros golpes se seguiram, todos com o mesmo furor e mesma violência. Percebendo que seus golpes eram ineficazes, a coisa começou a emitir um grito agudo que ressoou no fundo de minha cabeça como se fossem milhares de pontas de aço riscando pratos de porcelana.

Fiquei paralisado, com as mãos tapando os ouvidos, enquanto a coisa continuava a gritar e se jogar contra a porta da armadilha.

À medida em que forçava sua saída, alguns pregos da tampa começaram a ceder, afrouxando as tábuas a cada novo impacto. A força da criatura se revelava bem maior do que pude supor, os pregos da tampa já começavam a despontar para fora, demonstrando que a armadilha não aguentaria por muito mais tempo.

Mesmo com os ouvidos sangrando, tive que me levantar e fazer alguma coisa antes que fosse tarde de mais.

Me aproximei da armadilha com movimentos lentos, tentando não desmaiar com a dor nos meus ouvidos, segurando o pé de cabra para o alto, como um gladiador a se preparar para o combate. A coisa olhou para mim com seus olhos vermelhos e pude sentir a fúria que vinha desses olhos. Respirei fundo e desferi o primeiro golpe.

A barra de ferro passou entre as traves de madeira e acertou em cheio as costas da criatura, que grunhiu ainda mais alto o seu som de alta frequência.

Foram vários golpes em sequência. Alguns dados a esmo, com os olhos fechados, tal qual uma criança tentando matar um rato;

outros calculados, tentando atingir o crânio do monstro. Cada golpe era impulsionado pelos anos de vergonha e por todo o ódio e frustração desde o incidente da Gruta do Índio. Lembrei de Cristiano e isso fez minhas mãos baterem com mais força. Muitos dos golpes erraram o alvo, me fazendo acertar somente as traves de madeira, causando dor nos meus pulsos e nas palmas das minhas mãos, enquanto outros acertaram em cheio o corpo negro, arrancando-lhe tufo de pelos e pedaços de carne e fazendo esguichar jatos de sangue.

Um desses golpes loucos me fez acertar uma trave mais frágil, partindo-a parcialmente. Astuta, a criatura percebeu a vulnerabilidade que havia surgido e investiu com toda força nesse ponto fraco, partindo a trave e criando uma brecha na armadilha. Não era grande a abertura, mais foi suficiente para que ela pudesse se comprimir no espaço, arrebentar outra trave e se libertar por completo.

A coisa estava solta. Não somente livre, mas ferida e furiosa.

Ela saltou sobre mim com suas garras viradas para o meu pescoço. Usei o pé de cabra como proteção e somente isso impediu que a criatura me degolasse no ato. Empurrei ela de volta, que foi para o chão, por tempo suficiente para desferir-me outro ataque. Esse novo golpe me jogou contra a parede.

Dessa vez, nenhum empurrão conseguiu afastá-la de mim. Suas garras aranhavam os meus braços e ombros, e suas presas chegavam criticamente perto do meu pescoço. Dessa mínima distância era impossível não ficar aterrorizado com aquelas imensas presas, a língua bifurcada lambia o meu rosto, me fazendo sufocar com o cheiro fétido de uma sepultura aberta.

A baba da coisa escorria pelo meu rosto e descia pelo pescoço até o meio do tórax. Reuni o máximo de minhas forças e empurrei-a com um rugido de desespero. Ela caiu a poucos metros de mim e ficou em posição de ataque, pronta para desferir mais uma investida.

Corri para pegar a arma de pregos. Assim que cheguei até a banquetta senti garras perfurando as minhas costas e me jogando contra o chão. Coloquei a arma para trás, por cima do meu ombro direito e disparei a esmo.

Ouvi a coisa gemer. Disparei outras vezes, dentro do limite da cadência de disparos que a arma permitia, torcendo para que algum desses disparos causasse grande dano ao meu inimigo. Senti as garras se afrouxarem de minhas costas. Virei de lado e me soltei da criatura. A coisa abriu a mandíbula em minha direção e o seu bafo de podridão preencheu minhas narinas. Apontei a arma para sua cabeça e como reação a coisa colocou o braço na frente do rosto tapando sua face, do mesmo modo que Drácula fazia nos filmes antigos.

Disparei pregos contra os membros coriáceos da criatura, jatos de sangue espirraram manchando a parede ao fundo. Não sei dizer quantos dos projeteis acertaram a coisa, pois alguns deles ricochetearam pelo piso. Constatei que os tiros mais eficazes perfuravam as asas da criatura e a deixavam pregada no chão.

Estava certo que conseguiria deixar a coisa completamente presa ao piso, quando a correia improvisada da arma se partiu. O calor dos disparos contínuos fez com que o metal cedesse. Sem essa gambiarra a arma estava incapacitada de disparar a distância.

Com o sessar fogo, a criatura saiu da postura defensiva, ros-

nando e eriçando os pelos do pescoço, mostrando as presas, grunhindo ameaçadoramente para mim.

Eu tentava acionar o mecanismo de pressão da arma, segurando o bico e puxando-o para trás, mas minhas mãos suadas não tinham a aderência necessária para a ação. A coisa se contraiu e depois bufou, começou a inclinar-se para frente até suas asas ficarem rígidas como lona esticada. Fiquei atônito quando vi as membranas de suas asas se rasgando, libertando-se dos pregos, um por um.

Sem que eu tivesse tempo de reação, ela se jogou para trás e depois para frente, num arroubo de violência, libertando-se completamente e jogando-se contra o meu corpo. Caí de costas no chão, com a coisa sobre mim, tentando desesperadamente afastar a mandíbula podre e as presas afiadas do meu rosto. Sabia que não conseguiria continuar resistindo à fúria da criatura, cuja saliva caía purulenta sobre o meu rosto.

No instante em que ela investiu com seu ataque final, consegui levantar a arma, num sincronismo perfeito. Um segundo antes ou depois e nada disso teria dado certo. O bico da arma encontrou a cabeça da coisa e fez a pressão necessária para efetuar o último disparo. O prego entrou completamente e ficou cravado em seu olho esquerdo.

A dor fez a criatura emitir novamente aquele grito agudo e mais uma vez meus ouvidos estouraram. Eu corri completamente atordoado para longe, me escorando pela parede e derrubando todos os quadros da sala no caminho. A coisa se contorcia no chão e tentava tirar o prego com a parte equivalente ao polegar nos morcegos. Foi quando senti que minha mão estava sobre o

interruptor.

Com movimentos bruscos, ela finalmente conseguiu arrancar o prego do olho fazendo jorrar sangue pelo buraco do ferimento. O prego tintilou e rolou até a sola do meu sapato.

Então, a criatura veio marchando em minha direção franzindo o focinho, mostrando ostensivamente os dentes e rosnando como um lobo. Não tive medo. No momento em que a coisa fez menção de desferir o ataque mortal, eu simplesmente liguei o interruptor. As luzes da sala se acenderam piscando algumas vezes antes de se estabilizarem, e foi como se uma chuva de ácido tivesse caído sobre a criatura. Ela grunhiu, voltou cambaleante para sacada, escalou o parapeito e jogou-se para fora do apartamento. Ainda pude ver os últimos contornos da coisa, os buracos em suas asas, até que ela sumisse entre os prédios num voo tortuoso no meio da noite.

Escorreguei pela parede até sentar no chão. Olhei em volta e mal pude acreditar no que vi.

Havia pedaços de madeira por todo o lado. Sangue pelo chão, as tripas de Isaque estavam penduradas num pedaço quebrado da armadilha, outros pedaços do cão, como suas patas traseiras, espalhados ao redor do piso.

Por todo aquele tempo eu estive em desvantagem. Deveria ter ligado as luzes muito antes quando tive chance. O medo havia me paralisado e fui um completo estúpido. Não só pelo fato de ter demorado demais para acender as luzes, mas por tudo que havia acontecido naquela noite.

Isaque morreu por nada.

**N**o decorrer das semanas fui colocando as coisas em ordem. Aos poucos fui me desfazendo de tudo que sobrava de minha mal fadada aventura. Reformei a sala, e me livreii do apartamento. Vendi por um preço módico, o casal recém casado ficou muito feliz quando assinou o contrato de compra. O preço era um achado. Imagino eles sentados no sofá da sala, assistindo TV enquanto o filho brinca com as peças de lego no carpete, sem jamais imaginar que algum dia um monstro esteve ali, esviscerando um pequeno cãozinho e quase mantando um homem degolado.

Isso aconteceu quando eu tinha trinta e cinco anos. E depois desse episódio minha vida nunca mais foi a mesma. Na verdade, ela mudou completamente. Após vender o apartamento me mudei para uma casa em um bairro afastado da cidade. Não demorou muito até que percebesse uma presença sinistra nas noites mais escuras. O gato da vizinha desapareceu, e esse foi o sinal de alerta.

A criatura estava me perseguindo.

Ela me procurou com seu olfato apurado, esteve muito perto de mim para conhecer o meu cheiro. Ela queria sua vingança, esperaria até um dia em que eu me descuidasse e daria conta de mim. Simplesmente mudar de bairro não era suficiente, eu precisava mudar de cidade.

Mudei de cidade, comecei uma nova vida, um novo trabalho, novos amigos. Tempo o suficiente para baixar a guarda e coisas estranhas começarem a acontecer novamente. Sempre o mesmo

padrão. De repente você está passando e ouve duas pessoas conversando, uma delas dizendo que *“parece que alguém está envenenando os animais do bairro, porque de uma semana para cá, todos os gatos sumiram”*. No silêncio da madrugada, deitado na minha cama, podia ouvir aquele zumbido estridente como pratos sendo arranhados. Foi nessa época em que me dei conta de que jamais poderia ter uma vida normal novamente. A coisa não mediria esforços nem distância para me alcançar.

Me mudei outra vez, e de novo, e de novo, e de novo, por anos a fio. Nunca consegui me estabelecer por mais de um ano, em nenhum lugar. Fui professor particular, balconista, vendedor de seguros, carros usados, plano de saúde, gari, coletor de lixo, zelador de condomínio, vigia de supermercado, a lista é longa.

Já passei fome, dormi no relento, em pontos de ônibus, em estações de trem, na beira de estradas. Morei em lugares quentes e frios, cidades grandes e pequenas. Em todos os lugares que estive, no fim, a coisa sempre me encontrou. Durante essa vida miserável não foram poucas as vezes em que cogitei o suicídio. Mas nunca levei essa ideia adiante, imaginava que isso seria facilitar demais as coisas para a criatura.

Essa era minha maldição. Fugir de uma criatura sorrateira. Conviver com as falhas do passado.

Um dia eu estava concertando uma goteira em um telhado em troca de algum dinheiro, quando a velha escada de madeira se partiu. A queda me causou uma fratura na bacia, e por causa desse ferimento tive que ficar um bom tempo de molho no hospital.

Após a queda passei a viver com uma dor eterna nos quadris, essa dor vinha em maior ou menor intensidade, mas a medida em

que fui envelhecendo, ela foi ficando cada vez pior, e finalmente me mandou para a cadeira de rodas. Foi o fim da fuga. Todos aqueles anos de mudanças constantes haviam chegado ao fim.

## 13

**A**tualmente moro em um asilo. O pessoal daqui gosta de chamar este lugar de *Instituição de Longa Permanência*, mas eu acho que esse é apenas um nome ostentoso, que tenta disfarçar o que este lugar realmente é, um depósito para velhos.

Apesar disso, até que não é um lugar ruim. Fica numa fazenda no interior do Piauí, uma região que, por sinal, lembra a minha casa de infância, que ficou perdida sessenta anos no passado.

Há não mais de um mês, ouvi algo que chamou minha atenção. Enquanto trocavam os lençóis de minha cama, uma senhora gorda e simpática conversava com sua colega novata, uma moça tímida recém-chegada, quando ela comentou que a gata que costumava visitar a cozinha tinha desaparecido. O animal acabara de dar cria a uma ninhada de quatro gatinhos, dentro de uma caixa vazia no depósito dos fundos. Não só a mãe, como todos os filhotes haviam sumido, “*um gavião, talvez?*”.

Passei a prestar mais atenção aos relatos de desaparecimento dos animais da fazenda, as pequenas ovelhas, o cachorro do zelador, as galinhas do galinheiro. Todos eles foram sumindo. Pequenas ossadas foram sendo encontradas ao redor da fazenda. A maioria dos funcionários culpou o suposto gavião, outros dizem que é uma raposa.

Hoje pela manhã, estava tomando meu banho de sol quando vi uma coisa branca despontando do chão. Pedi para um dos cuidadores, um rapaz forte, empurrar minha cadeira de rodas para perto da árvore do jardim. Apontei para ele, e pedi que ele pegasse a coisa que estava caída nas raízes da árvore. Ele trouxe o objeto até minhas mãos.

— Que interessante, senhor Lourenço. De que animal o senhor acha que é? — indagou o moço forte, entregando em minhas mãos o crânio.

— Uma jaguatirica... — respondi, examinando o objeto como se fosse um artefato mágico. — Quem sabe um gato do mato.

— Interessante, não sabia que existia esse tipo de animal nessa região.

— Não existe — respondi. — Alguma coisa o trouxe até aqui.

O cuidador me levou de volta, ignorando o principal sobre o objeto encontrado. O fato de eu ter me referido a alguma coisa ao invés de alguém.

Coloquei o crânio da jaguatirica sobre o meu criado mudo. Estou olhando para ele nesse exato momento. Esse é o último sinal, a peça que faltava. Foi por isso que resolvi escrever esse relato, minha hora está próxima e dessa vez não há para onde fugir.

Poucos minutos atrás, insisti com a minha cuidadora para que ela deixasse a janela do meu quarto aberta. *Só por esta noite*, apelei.

Acho que ela só aceitou o meu pedido porque é nova no serviço. Ela parece gentil, e é uma boa pessoa, espero que não se complique muito por minha causa, quando, na manhã seguinte, descobrirem o que me aconteceu.

Essa história termina aqui. Não sei se foi elucidativa e com

certeza não é uma história de vitória. Mas é a minha história, minha vida, a única que eu tenho para contar. Tudo que aprendi nessa existência é que existem monstros que você nunca conseguirá vencer, então, o melhor que se pode fazer é aprender a conviver com eles.

Tenho que encerrar agora. Uma coisa enorme acabou de pousar sobre o galho da figueira. Assim que eu desligar a luz do abajur ela vai entrar.

Meu Deus.

Ela não está sozinha...

Ricardo Serafim

*maio/2021*

[serafim.escritor@gmail.com](mailto:serafim.escritor@gmail.com)

[www.ricardoserafim.com.br](http://www.ricardoserafim.com.br)

Histórias de Horror para um mundo assombrado.